

Anexo 2

Transcrição dos grupos de foco

Índice

Transcrição do grupo de foco A.....	3
Transcrição do grupo de foco B.....	14
Transcrição do grupo de foco c	25

Transcrição do grupo de foco A

Introdução e contextualização do grupo de foco, com base no respetivo guião.

(...)

Qual é a vossa experiência com os media no dia-a-dia?

Fábio – A gente vê televisão para ver as notícias e estar informado. O rádio vale para ouvir a bola, a internet é para fazer pesquisas, ler, eu não leio, porque leio mal [ironia]. Os jornais gosto de ler para estar informado. (...)

E os jornais? É mais online ou em papel?

Fábio – É mais em papel. Vou ao café passar um bocadinho de tempo e uma pessoa dá uma vista de olhos. O jornal já se sabe que é para a gente estar informada... para aprender coisas.

Alguém aqui tem filhos? Os filhos decidem lá em casa o que se vê?

Marta – Só dá “Panda” o dia inteiro.

Francisco – Os pais fazem as vontades aos filhos.

Porque será?

Marta – Porque será? Para os ter calados e quietos.

Francisco – Entretidos.

Marta – Nós também viamos antigamente.

[alguém (não se percebe quem) quem refere os desenhos animados do Tom Sawyer]

João – Os meus filhos nunca gostaram muito de desenhos animados. Veem muita televisão e entretêm-se mais com o telemóvel. Na televisão gostam mais de documentários e de filmes de terror [os filhos têm 15 e 21 anos].

Marta – O meu [filho] é muito fino. Ele gosta de ver o “Panda” mas é para ouvir as músicas. E livros? Só com animação [o filho tem um ano].

Imaginem que alguém se lembra de fazer uma limpeza aos meios de comunicação na sociedade, mas que já conhecemos como é viver com eles. Acham que iam gostar?

Raquel – Desligar tudo? (...) e o que é que íamos fazer a seguir? [risos]

Marta – Morrias de tédio.

Tiago – Eu acho que acabava com o stress. Era bom.

Fátima - Crescia a natalidade. Voltávamos ao tempo antigo. Ainda oiço a minha mãe, que não tinha nada. No tempo da minha mãe não havia televisão, nem rádio...

João – Eu acho que deixava de haver um bocado de evolução.

Fátima – A natalidade subia logo [risos].

Marta – Começavam a ler.

[comentam que se os media desaparecessem, então, também não haveria livros]

Já agora, quais são as principais fontes de informação que vocês têm no dia-a-dia?

Marta – Televisão [não se percebe a outra palavra].

Raquel – Televisão, internet...

Marta – Rádio.

Raquel – Jornal, rádio... é o maior, penso eu.

E sem ser os meios de comunicação, têm outros meios de informação?

João – Interagir com as pessoas.

Raquel – Essa é a única hipótese...

O que é que as pessoas entendem por estar a par da atualidade?

Raquel – As novas tecnologias, por exemplo.

Francisco – Pode ser apenas um tópico. Por exemplo, estar a par da atualidade de um clube de futebol.

Raquel – Sim, não tem nada a ver com a bolsa, por exemplo, não me diz nada.

João – Se vir o telejornal, normalmente o telejornal dá tudo.

Francisco – Não dá tudo, dá uma parte.

Raquel – Isso depende do interesse de cada um.

Fátima – Cada um fixa aquilo que interessa.

Raquel – A atualidade, neste momento, é o avião que caiu e o outro que aterrou mal.

[comentários sobre o avião]

Fábio – Se calhar [se não fossem os media] a informação só chegava aos nossos ouvidos daqui a uns meses. Ia passando de pessoa para pessoa.

Uma das coisas que reparei é que, nas respostas ao meu inquérito, mesmo as pessoas que só diziam que viam televisão, ou que apenas tinham um ou dois meios que usavam, mesmo essas pessoas disseram que estavam a par da atualidade. Acham que o telejornal acaba por fazer [interrupção]

Raquel – Dá-nos um certo conhecimento. Acho que toda a gente gosta de ver o telejornal e aí é que nós estamos mais dentro dos assuntos. Por exemplo, eu não vou ler o jornal, a não ser no telemóvel onde vejo alguma informação. Não vou ao café para ler o jornal, não compro o jornal e, além da comunicação que a gente tem no dia-a-dia com os colegas de trabalho... um fala sobre um assunto que surgiu ontem e a gente vai tendo também aí algum conhecimento. Mesmo que não tivesse ouvido, alguém ouviu e vai comentar no dia a seguir.

Há mais alguém aqui que vê notícias no telemóvel?

[silêncio]

Fátima – Eu não vejo. Eu ainda tenho um telemóvel antigo, não tenho lá notícias. (...) É uma opção.

Concordamos então que de facto os media estão por todo o lado e eles acabam por nos trazer informação no dia-a-dia. Em que aspetos é que isso pode influenciar as nossas vidas?

Raquel – As publicidades... em termos de compras ou de novidades que aparecem. Nas tecnologias, nas publicidades que eles fazem, na comparação de preço e...

Fátima - Basta a imagem de um produto qualquer, uma pessoa quando vai às compras já tem tendência para comprar aquilo.

Raquel – Acho que essa informação das tecnologias passa mesmo na televisão, nas publicidades dos telemóveis.

Fátima – Mesmo a minha mãe, que não sabe ler, vai às compras e tem tendência para comprar aquele produto, porque dizem que limpa bem e, então, ela vai comprar aquilo que ela vê na televisão. Não sabe ler mas sabe identificar o produto.

Marta – E a moda, para as mulheres.

Raquel – Quando estamos à espera de comprar qualquer coisa, vemos a publicidade de uma promoção ou no telemóvel, seja o que for. Influencia e bastante... e, por vezes, enganosa. Só o desenhinho já está a enganar. Mas influencia. Só a própria visão da publicidade já influencia muita coisa. A própria cor influencia. O impacto da cor, da publicidade.

João – É tudo. É a música associada, tudo...

Fátima – A publicidade já faz tudo para ter lá aqueles elementos todos para chamar a atenção.

João – Influencia mais uns do que outros. Aquilo pode criar medo, pode criar fobias, pode criar várias coisas, dependendo do programa que se está a ver, pode criar muita coisa na nossa mente.

Já teve alguma experiência desse género?

João – No meu caso não, mas às vezes reparo nos miúdos que estão a ver algum documentário e às vezes é bom que eu esteja lá por perto para lhes poder dar um aviso qualquer. (...) Mas eu deixo-os ver e acho bem que eles vejam [filmes de terror].

(...)

Fátima – Eu não vejo filmes de terror. Não gosto.

Raquel – Os miúdos facilmente chegam onde querem. As coisas estão-lhes muito facilitadas. É preciso ter muito cuidado, principalmente agora com a internet. Jesus, aquilo é do pior.

Fátima – Convém que sejam supervisionados.

Raquel – Até a nós os adultos.

Mas vocês sentem essa responsabilidade de, de alguma forma, acompanhar os mais novos mesmo que não sejam os filhos?

Fátima – Claro que é necessário.

Raquel – A gente conhece os nossos filhos e cada um de nós sabe até que ponto eles vão, porque nunca achei nada estranho que eles tivessem feito na internet e, muitas vezes, até questionam várias situações. Aquela situação, quando eles estão na internet e aparece: “Clica aqui, ganhaste não sei o quê”. Aparecem situações dessas em que são mesmo eles a dizer e, então, depois a gente vê o porquê de aparecer aquilo. São *sites* onde eles realmente estiveram a mexer, que depois dá para fazer esse tipo de coisas. E eu acho que como aparecem esses podem aparecer outras coisas.

Fátima – Aparece sempre uma publicidade qualquer e de repente uma pessoa nem sabe onde vai parar. Para os adultos, pronto, mas para as crianças às vezes é complicado.

Raquel – Isso faz-me lembrar de uma situação de pânico, que já é a segunda vez que oiço que aconteceu com uma afilhada minha e que pôs toda a gente em pânico em casa. Ela recebeu uma mensagem no computador que tinha uma coima de 100€ e que tinha de alertar a polícia. (...)

[vários dizem “isso já me aconteceu”]

E o que fizeram?

Fátima – Eu peguei no meu computador e fui mandar ver o que se passava. Era um vírus.

Mas assustou-se quando isso lhe aconteceu ou percebeu logo que era um vírus?

Fátima – Eu carregava em todo o lado e não acontecia nada e eu: “pronto, já tenho para aqui um vírus”.

Raquel – Neste caso que eu estou a falar, a menina ficou em pânico, mesmo! Ela estava em pânico e achava que o padrinho [que tinha mexido no computador] ia preso. Ela tinha 14 anos, já não era nenhuma criança, mas entrou em pânico com a situação.

[refere outro caso semelhante que aconteceu a um rapaz de 13 anos].

Há aqui alguém que não tenha internet?

[silêncio]

Marta – Sois todos viciados. E eu também! [risos]

João – Ter internet não quer dizer que a use.

No seguimento desta conversa, de entrar em pânico, acham que estamos preparados para lidar com os media, com o constante aparecimento das novas tecnologias e com a informação diária?

Fátima – A nossa evolução em termos de tecnologia foi muito rápida. Entrou de repente. De um momento para o outro. Quando eu vim para cá, não havia praticamente nada, nem telefones, nem internet. E, de repente, de um ano para o outro, começou a surgir quase tudo, cada vez melhor, cada vez melhor. Seguem-se as tendências. Mas que foi de repente foi.

Fábio – Foi um choque.

E conhecem os bastidores dos media? Conhecem os processos de produção das coisas, por exemplo, como é que as notícias são produzidas? Vocês têm uma noção do processo que está por detrás?

Fátima – Têm aquele pessoal todo para irem fazer as entrevistas e saber das coisas, sei lá.

Raquel – Vão chegando [as notícias] e vão sendo depois compactadas para depois passar à hora que têm de passar. Acho que a notícia chega lá. Apesar das pessoas que trabalham. Imaginemos a RTP. Eles têm gente por todo o mundo a fazer recolha de informação. Até nós próprios fazemos isso. Quando é um assunto que achamos interessante ou até que tenha de ser filmado e passado na informação, nós próprios podemos fazer isso, ligar para a televisão.

Tiago – Ou meter no Facebook, também dá.

João – Eles têm que fazer um apanhado daquilo que a maior parte do povo consegue gostar.

Fátima – Vão buscar informações de todo o lado e por todo o mundo e nós devemos ter uma receção dessas coisas todas

Marta – Não existe mesmo uma agência que era a Lusa?

(...)

Por exemplo, no meu inquérito eu usei esta imagem [mostra-se a fotomontagem da Benneton (Q.15 do inquérito)]. Não sei se chegaram a ver isto...

Marta –É a publicidade da Benneton.

Isto foi bastante polémico na altura. (...) Imaginam como isto foi produzido?

Fábio – No Photoshop.

João – Fotomontagem.

Portanto, para vocês é óbvio que houve aqui uma montagem...

[falam todos em simultâneo]

Fátima – Quer dizer, uma pessoa, à primeira, até pensa que é verdade, não vou estar a pensar se é montagem ou não. Não é que eu acredite, mas vejo e é isso que assimilo logo à primeira.

João – No Facebook já aparecessem várias coisas assim.

Marta – Se alguém insistisse que isto é verdade, o povo acreditava que era verdade.

Fátima – Eles fazem cada montagem agora...

Marta – Agora essa imagem... desculpe, mas não, não estou a ver a Merkel a fazer isso.

João – Isto até pode ser real, há etnias que se beijam na boca. Nós se calhar apanhamos um choque.

Raquel – Pois, mesmo aqueles jogadores de futebol que ao fim do jogo se beijaram na boca, até pode ser real, não sei, foi filmado em campo.

E agora, sem pensarmos só nisto, pensando também nas questões dos filmes, da publicidade e tudo o que envolve aquilo que falavam no início (de quando a música aparece, por exemplo) algo que envolva uma montagem já bastante complexa. Conseguimos facilmente distinguir a realidade da ficção?

Fátima – Se estou a ver ficção, para mim é ficção e quero ver aquilo como ficção porque se vou pensar: “Eu sei que as câmaras estão todas à volta”, isso não tem interesse nenhum.

Mas nem sempre está indicado que é ficção... e quando não está?

Fábio – Eu acho que se vê bem quando é ficção e quando não é.

João – Nós conseguimos ser enganados sem dar por ela.

Fátima – Eu também acho porque isto... uma pessoa facilmente acredita.

Tiago – Um meio de comunicação é um meio também de fazer de nós aquilo que alguém quer que nós sejamos. Muitas vezes, nós podemos ser outras pessoas e conseguimos ser diferentes porque a televisão assim exige ou alguém assim exige.

(...)

Francisco – Na internet isso vê-se bastante. Há várias fotos que parecem reais e que depois mostra-se o processo de montagem todo.

Outro resultado que eu obtive no inquérito foi que 75% dos inquiridos afirmou que se for para partilhar a opinião num espaço público, o sítio ideal é nas redes sociais. No vosso caso, onde partilhariam?

Raquel – Facebook.

João – Claro.

Fátima – Eu reclamo sobre um assunto mas é com gente. Tenho Facebook, vou lá ver, mas escrever ou o que quer seja não faço nada.

Fábio – No Facebook só falas uma vez, se for com gente tens de falar com este, com aquele, ali falas para milhares de pessoas.

Raquel – Aqui há uns meses, talvez há um ano atrás, houve uma grande manifestação que foi criada no espaço de dois dias, no Facebook! Toda a gente comentou aquilo, toda a gente participou. Toda a gente entre aspas. Mas foi uma das maiores manifestações que vi criadas numa rede social assim sem que ninguém... não estava em público, em jornal... exposto em lado nenhum sem ser no Facebook. Desde que me conheço neste mundo das manifestações foi a maior que vi!

Mas vocês gostam de mais alguma rede social sem ser o Facebook?

Francisco – Eu uso o Twitter também. Até uso mais o Twitter que o Facebook. O Twitter é mais para receber informações, novidades, notícias, modas, coisas que gostes. O Facebook é mais uma partilha pessoal, penso eu.

O Facebook é mais uma partilha pessoal?

Vários – Eu acho que sim.

Fátima – Pessoal, ponto e vírgula, aquilo está lá para toda a gente ver se quiser.

Marta – É uma cusquice [risos].

Mas que aspetos é que o Facebook tem (vamo-nos focar mais no Facebook porque no fundo é do que estamos a falar quando nos focamos nas redes sociais) que o tornam atrativo?

Marta – Para mim, nenhum.

Fátima – Para mim, nenhum. Eu só uso o Facebook para saber de notícias das minhas sobrinhas, mais nada. Tudo o resto passa-me ao lado, ainda por cima, no Facebook temos páginas sugeridas de publicidade, mesmo que uma pessoa não diga que quer. É impressionante!

Marta – É aqueles joguinhos. Muita gente fica viciada naqueles joguinhos.

Fábio – A grande variedade das coisas que lá estão: pessoas, de todo o mundo, os joguinhos, é tudo.

Marta – Eu abro aquilo e é: “«não sei quem» enviou-te um pedido «não sei das quantas»” . Só jogos, só jogos!

(...)

Tiago – Eu a maior parte do que lá tenho é família, nem sequer tenho fotos, tão-pouco. Não gosto muito de mostrar.

(...)

A verdade é que agora, temos muito mais facilidade em nós próprios produzirmos conteúdos mediáticos: seja fotografias, seja um vídeo... Podemos pegar num blogue e fazer o nosso próprio “espaço jornalístico”, se é que se pode chamar assim. (...)

Raquel – Imaginemos uma pessoa que faz trabalhos manuais ou tem uma empresa, aí a forma ideal para não ter de pagar publicidade é fazê-lo ali [na internet]. Criar um blogue e fazer a “partilha”.

Apesar de tudo, dessas possibilidades, mesmo havendo pessoas a fazer isso, no inquérito que eu fiz aqui, as repostas que obtive a uma questão, que era perceber se as pessoas produziam este tipo de coisas que acabei de dizer, ou não. O que é que as pessoas mais fazem? Quase todas ligam para programas de televisão, não para partilhar a opinião mas para ganhar prémios. Em termos de produções que, de alguma forma demoram mais, ou requerem uma maior reflexividade, como produzir um vídeo ou ter um blogue, os níveis nesse aspeto eram muito baixos. Os níveis crescem muito quando falamos nas redes sociais, na partilha instantânea, mas são muito baixos quando falamos numa produção um pouco mais rebuscada. Não sei quais são as vossas práticas... já alguém aqui alguma vez produziu um vídeo?

[silêncio]

Já teve alguma página no Facebook?

[silêncio]

Já assinou uma petição?

[silêncio]

Eu gostava de perceber quais são os motivos para não o fazerem...

Raquel – Aqui há uns a nos fiz uma formação de informática e, por exemplo, tinha um colega comigo que tinha um restaurante. Lá aprendeu como fazer o blogue dele para partilhar aquilo que... além dele já ter pago publicidade, ali ele podia colocar aquilo que ele achava que devia ser visto. Não estava a fazer publicidade, porque não tinha, se calhar, dinheiro para o fazer. Eu criei naquela altura, mas nunca meti lá nada depois. Foi uma questão de saber como fazer. Foi o que aprendemos. Tínhamos uma formação de informática com certos módulos para fazer, e esse era um deles. Eu sei que houve um colega que fez isso que ainda hoje vejo o blogue dele. Cada vez tem mais informação.

Por exemplo, o Youtube permite a toda a gente colocar lá vídeos. Mas nem toda a gente põe. Vocês colocam?

João – Eu não.

Fábio – Faço vídeos, mas não coloco lá nada.

João – Os meus vídeos já lá puseram.

Quais são os motivos para não colocarem lá nada?

Raquel – Não tem interesse, se tivesse interesse eu até colocava.

Fátima – Acho que são vídeos pessoais.

Raquel – Mas gosto de ir pesquisar e até acho bem que tenha lá certas coisas. Nós próprios se queremos saber qualquer coisa, vamos lá.

Raquel – [não se percebem as primeiras palavras] ... for coisas para negócios, para informação, até gostava que as pessoas soubessem disso porque não se fala sobre isso. Isso é interessante ver. Agora, vídeos pessoais? Não tem interesse nenhum.

Fábio – Não quer dizer que sejam pessoais. Às vezes, uma pessoa está a fazer qualquer coisa, na brincadeira... vai um e cai por cima dele e: “vai já para o Youtube!”. Às vezes não mete, mas se tem piada vai para o Youtube, para a gente ver e para se rir daquilo.

Raquel – Apesar disto tudo, há muita gente deprimida que vai para o Facebook e para as redes sociais, e acabam por se distrair com essa situação. No outro dia, estava a falar com um senhor e ele é fumador, mas o médico disse que ele tinha que reduzir no tabaco até futuramente deixar de fumar. O senhor acabou por dizer que começou a envolver-se nessas situações de “internets”, “facebook”, essas tretas todas, pesquisas daqui, pesquisas dali e as duas horas que estava no computador não fumava um cigarro. Quem está a fazer aquilo não está a fazer outra coisa. Muita gente até vai para lá para se distrair porque está em baixo. Vai para ali e conversa e acaba por se ocupar.

[contextualização dos resultados do inquérito] As pessoas não se envolvem muito em movimentos e associações. Vocês participam?

Vários – Eu não participo.

Mas têm motivos para não participar...

João – Porque tenho o tempo ocupado com outras coisas. Não posso participar, se não participava.

Raquel – Por vezes, participo em atividades que são momentâneas, por um dia. Por exemplo, se houver um evento de solidariedade para ajudar... por exemplo, fui à “Caminhada do pijama” que era para ajudar uma instituição. Isso é um dia. Não faço parte da associação. (...) Foi temporário, não faço parte da associação para a desenvolver. Por exemplo, ajudei na organização do torneio de futsal, mas se fosse contínuo, o ano inteiro a fazer isso, não dava.

Por que motivo?

Raquel – Porque a nossa vida não permite esse tipo de situação. Por exemplo, eu trabalho, chego a casa às 18h, tenho de fazer um jantar, tenho a minha lide de casa para fazer. Se eu andasse nisto, era complicado.

João – E ajudar os catraios a fazer o trabalho de casa.

Tiago – Nós trabalhamos por turno, é complicado. Eu já fui dos escuteiros e desisti, infelizmente. Quando comecei a trabalhar aqui em turnos não podia ir. Havia acampamentos, havia tudo e não dava. Tinha de trabalhar.

Raquel – Por exemplo, uma que eu gostava de ter participado foi aquela para ajudar o Centro Social do Padre David. Não consegui. Nesse dia não deu, mas era uma atividade que eu gostava de participar. Gostava de poder participar em muitas mais coisas dessas. Afinal, para mim não dá despesa nenhuma e ia ajudar outras pessoas que precisam. Agora, não há é tempo. (...) Se calhar sou um bocado egoísta. Digo que não tenho tempo porque o tempo é todo preciso para mim. Se eu tirasse uma hora por dia, se calhar, não me ia fazer falta, mas pronto, é assim.

Fábio – Eu gostava de ver era o Presidente da República a fazer isso, ou o Primeiro-Ministro! Agora, somos sempre nós os pobres a ajudar. Eu gostava era de vê-los a eles! Ir assim à igreja, fazer uma limpeza, qualquer coisa assim.

[contextualização e breve apanhado de ideias que surgiram no grupo de foco] (...) Em que aspetos é que os media são importantes para as nossas vidas e para a vida da sociedade?

[falam em simultâneo]

João – Eu acho que é em tudo.

Raquel – Para nos manter atualizados sobre o que se passa no mundo. Quando sai a tabela de leis do Diário da República, passa nas televisões. Eu não vou ao Diário da República ler diariamente o que é que foi... mas passa na televisão e a gente está informada. (...) Quando são assuntos que é para toda a sociedade estar informada, aparece, na televisão.

Fátima – Por exemplo, quando vai aumentar a gasolina, toda a gente fica a saber que vai aumentar a gasolina. Essas «informaçõeinhas» que nos dão jeito para o dia-a-dia.

Mas não são só informações. Por exemplo, uma telenovela não é propriamente informação...

Fátima – Isso para mim passa-me ao lado.

Marta – Falar com os amigos no Skype, também é muito importante.

Raquel – Nós conhecemos as tecnologias, falo por mim, não é porque nós sabemos que a empresa «não sei aonde», nos EUA, criou uma aplicação qualquer. Nós sabemos como? Através dos media.

(...) Vocês pagavam para ter informação? Por exemplo, para aceder aos jornais online?

Vários – Nós já pagamos!

Raquel – Nós pagamos tudo: pagamos uma taxa para ter a televisão em casa. A televisão pública, que são os quatro canais!

Fábio – Mas, se calhar, estava-se a referir a certas situações como, por exemplo, o futebol. Às vezes, uma pessoa paga uma taxa no telemóvel, mais um euro que seja e depois recebe o golo (se foi golo do Benfica se foi golo do clube do Porto). Quando temos a televisão, estamos na internet, estamos a pagara a informação. Mas depois há extras que, muitas vezes, paga-se mais um bocado [não se percebem as últimas palavras].

Fátima – Eu não sei o que é que não se paga em Portugal!

Falam todos em simultâneo.

Agradecimento final e despedida

Transcrição do grupo de foco B

Introdução e contextualização do grupo de foco, com base no respetivo guião.

(...)

Qual é que é a relação que cada um de vocês tem com os media, no dia-a-dia?

Manuel – Eu tenho um *daily business* com a internet, com a televisão também, telemóveis igual... portanto, todos os meios, todos os dias. E a gente prende-se um bocado àquilo.

Ana - Nós acabamos por usar a internet agora. No meu caso, eu falo pela Margarida porque em minha casa é só Disney Channel e pouco mais. O comando é dela. Aquilo que vou buscar à internet é aquilo que antes ia buscar à televisão.

[comentários em simultâneo que não se entendem]

Manuel – No meu caso, já estou noutra onda. Chego à sala e digo: “Meu deus, isto está tudo...”. Já está tudo colado à internet!

Ana – É uma imagem que eu vi muito nas férias. As pessoas não dialogam.

Manuel – É impressionante, é Twiter, é Instagram...

Ana – Digo pelas minhas sobrinhas. Estávamos a jantar e elas sempre com o telemóvel!

Manuel – A televisão, se a gente ligar a televisão ao jantar, toda a gente a come... E eu também. Portanto, crio as regras, salvo raras exceções. Tem que haver regras! Só se der um jogo de futebol ou uma notícia muito importante, senão...«off». Eu ainda mando e corto, senão a televisão estava sempre ligada, nem que fosse só como ruído de fundo. Por exemplo, o miúdo está a jogar nos joguinhos e a televisão está a fazer ruído de fundo.

António – Eu chego a casa e a primeira coisa que faço é ligar a televisão, mas não vejo televisão. É um bocado automático (...) às vezes nem estou a ligar, mas está lá.

Manuel – (...) Com a TV Cabo faz-se muito *zapping*, mas no final vêem-se sempre os mesmos [canais].

António – Tu, de 120, vêes uns três [canais]. Eu vejo a RTP2, que é curioso! porque eu tenho TV Cabo. Vejo a RTP2 e o telejornal da manhã. Porque o resto do dia resume-se a estar ligada, quando está.

Mas estão a pagar os outros canais todos, não sentem que saem prejudicados?

António – Eu tenho pela «net».

José – No meu caso, eu vejo as notícias pela «net». Tenho TV Cabo. Normalmente, televisão, em direto, vejo o segundo canal – o noticiário. Vejo algumas coisas dos outros canais, mas é tudo gravado.

Noticiários: cada vez vejo menos televisão. Notícias: vejo, normalmente, à refeição e como janto mais tarde meto o noticiário do início. Vejo o que me interessa.

Manuel – Por acaso, não tenho gravação. Estamos a caminhar para velhos, porque a minha mãe passa a vida a dizer que o meu pai vive agarrado à televisão, e passa o dia a ver as notícias...

Rosa – Eu tenho uma criança e influencia a possibilidade de escolha, porque eles mandam! Nestas idades, eles mandam! E até é uma forma de os manter entretidos. Vê-se muito “Panda”. Eu não vejo “Panda”, mas vê-se muito lá, na minha casa. A minha seleção são as notícias, até porque o tempo é muito curto. Portanto, televisão: são as notícias e, eventualmente, ao fim-de-semana trocamos para um filme ou para uma coisa mais de entretenimento. Na empresa, a internet é recorrente. Qualquer um de nós precisa de pesquisar sobre alguma coisa, procurar um contacto. A facilidade com que eu vou à internet é imensa. Não sou adepta de «Facebooks», tenho que admitir. Não tenho, mas acho que um dia vou ter.

[Falam em simultâneo sobre o Facebook]

Ana – A quantidade de informação que se coloca no Facebook é abusiva.

Manuel – Às vezes, as pessoas dizem-me: “estás a cuscar a vida dos outros!” E eu: “Eu? Não! Só estou a ver o que os outros lá põem.”

José – Depende da utilização que se faz disso. Eu uso bastante o Facebook e não ando a ver o que o outro faz. Evito essas coisas. Uso, sobretudo, como um filtro para a informação que me interessa, do género: jornais, notícias... Por exemplo, eu adoro música, instrumentos, seja o que for, e subescrevo os canais.

Ana – Também podes usar o Facebook de uma forma muito mais restrita, cuidado! Eu tenho o meu Facebook restrito às pessoas que eu quero.

António – Mas a facilidade para marcar por exemplo um jantar com os amigos... (...)

[comentários sobre grupos de pessoas que conheciam antigamente e que se reúnem através do Facebook e sobre os amigos que espreitam os seus perfis no “Facebook”]

Manuel – Aquela emoção de se encontrar alguém que já não se vê há um ano perdeu-se, porque falamos com a pessoa todos os dias.

Mas é mau isso acontecer?

Manuel – Não é mau. O problema está quando isto passa para casa, moramos todos juntos e ninguém fala com ninguém.

Podem não estar a falar com ninguém presente, mas se calhar estão a falar com dezenas de pessoas...

Rosa – Cuidado! A interação social e pessoal não é a mesma coisa.

António – Isso é diferente. É como enviares uma mensagem pelo *Messenger* e esperares assim dias para receber “a carta” em papel... que lias e relias! E se era da namorada cheirava bem... (...)

Ana – Quando vou de férias, não há! Acabou, nem internet! Os amigos até ligam a perguntar se está tudo bem, porque estranham não ter posto nada no Facebook. Alto, mas eu estou de férias! Tu vês muita gente que está de férias e que põe constantemente onde está. Ai sim, eu acho que depois vêm e: “como é que foram as tuas férias? Eu já sei como é que foram as tuas férias”. Agora... agora, podem sentar-se que eu vou falar onde é que eu estive. Mas foi um espanto. As pessoas: “Está tudo bem? Não dizes nada? Onde é que estás?” (...)

Manuel – Isso não é o que me preocupa mais. Continuo a dizer que dentro de casa é aquilo que me preocupa mais, e quando a gente vai ao café estar com os amigos e só está o corpo presente. Quando se dá por ela, está tudo agarrado ao telemóvel (...) Sinto falta de chegar a casa e até de se conversar um bocado. Quer dizer, até se conversou, se calhar, ao telemóvel no caminho, porque vai com o Bluetooth. Conclusão: quando chegou a casa o tema já passou a menos 70%. Então, qual é a tendência a seguir? Não se vai falar, então, pega-se no telemóvel ou então televisão.

António – Às vezes, é como diz a Ana: já não há novidade.

[vários concordam]

Manuel – Acho que isso está a levar a que cada vez mais as pessoas tenham dificuldade em comunicar verbalmente.

José – Mas o mais engraçado é que cada vez estamos mais sociais [ironia].

Rosa – Não há menos comunicação, é verdade.

Manuel – Não há como comunicar e ver-te a sorrir, e ver os teus olhos.

António – Eu vi uma coisa muito significativa, que era do Facebook, uma cena do Youtube. Era um tipo que estava à rasca porque tinha acabado com a namorada e então inventava uma história virtual da vida dele [no Facebook] em que mostrava ele nos copos, mas, depois, estava-se a “emborrachar” porque estava deprimido; depois, era ele mais uma rapariga (que afinal era uma prostituta qualquer) e estava muito mal mesmo. Depois, chegava ao fim, tinha uma grande vida social, toda agente punha “likes” e fazia grandes comentários! Mas ao fim de um minuto viam que ele deu um tiro na cabeça porque estava sozinho.

Rosa – Não há menos comunicação. Há muito mais comunicação e há interação porque eles escrevem e têm resposta. Quando se publica no Facebook, respondem. O que há menos é a questão da exposição, que tem que ser trabalhada. É isso que provoca o friozinho na barriga (...) depois vai-se para o psicólogo porque não consegue enfrentar essas questões.

Manuel – Sim, mas falta a comunicação verbal.

Ana – As pessoas ainda não estão a viver o momento e o primeiro pensamento é tirar uma *selfie* ou tirar uma foto. (...) Eu tive num casamento, no sábado, e as pessoas estavam a tirar as fotos e passados segundos já estavam no Facebook!

[comentários em torno das publicações de fotos no Facebook]

José – Aqui há um tempo, acho que foi com os *White Stripes* ,aconteceu a mesma coisa. As pessoas estavam lá a tirar fotos e só se viam telemóveis. Então, o músico interrompeu e disse ao público que guardasse os telemóveis porque o concerto estava a ser filmado e o vídeo ia ser todo disponibilizado *online*.

(...)

Manuel – Acho que se está a perder mais do que se ganha.

Manuel – Se eu digo às minhas filhas: “Acabou, não há mais telemóvel”, elas respondem: “o que eu que vou fazer?”, E eu: “vais para a rua, vais jogar à bola, brincar na terra”.

Rosa – Cuidado, nós não estamos nesses tempos.

(...)

Manuel – As pessoas são comodistas.

Rosa – São comodistas o quê?

Manuel – E começa por nós.

Rosa – Manuel, as coisas mudaram, agora não vais mandar as tuas filhas brincar na terra.

Manuel – Claro, não é fazer como o outro: “Eu andei com as vacas no monte, os meus filhos também têm que andar”, não é isso, de maneira nenhuma.

Rosa – É proporcionar-lhes esses momentos para eles perceberem o quão bons foram para nós.

Manuel – Exatamente. Por exemplo, se calhar, pelo excesso de informação, nós sabemos que existe muita pedofilia, que já existe há muitos anos, mas sabemos muito mais que ela existe (...)

Ana – O jornalismo “just in time” (...) as capas dos jornais têm de ser sensacionalistas, se não já não vão surpreender.

António – Acho que o jornal escrito qualquer dia desaparece. Isso nota-se até na Bosch com o nosso novo «Facebook profissional». (...) É uma tendência tão grande que as próprias empresas se veem compelidas a fazer o mesmo.

Rosa – António, a geração Y não vai querer nada daquilo que nós temos. Pensas que querem papel?

[comentários sobre a pressão em torno do Bosch Connect, sobre o excesso de informação e a dificuldade em gerir todas as ferramentas de trabalho]

Agora, tirando a parte do trabalho, imaginem que tudo o que tem a ver com os media desaparecia...

Manuel – Sinceramente, na minha opinião, abençoado se isto tudo desaparecesse!

Rosa – Na conceção ideal, se tudo desaparecesse era perfeito, eventualmente seria um choque.

António – Eu não conseguia viver sem o telemóvel e sem acesso à internet.

[falam em simultâneo]

António – Cria-se um hábito grande.

José - Os hábitos ganham-se, os hábitos perdem-se.

Rosa – É mais fácil ganhar vícios que perder. Andar para trás?

António – Acho que devíamos ter uma quota: uma hora de internet e uma hora de televisão e tu escolhias quando usavas a tua quota.

(...)

Isto leva-me a perguntar se consideram que estar a par da atualidade é importante. E, antes, o que é estar a par da atualidade?

Manel – Primeiro: é preocupações estar a par da atualidade, porque ultimamente a gente liga a televisão e é só desgraça.

[comentários sobre a queda dos aviões]

Desligarmo-nos dos media não é sinónimo de nos deligarmos da atualidade?

José – (...) 5% do que temos, atualmente, de informação era suficiente. Temos demasiado. O telejornal demora uma hora e meia!

Ana – Ouve-se cada vez mais as pessoas a dizer que não veem o telejornal porque é só desgraças.

António – (...) Segundo a TVI, as sondagens das audiências mostram que as pessoas veem um telejornal e se houver um telejornal que ainda continua noutro canal, as pessoas fazem *zapping*. Vão para o outro e continuam a ver o telejornal.

Ana – Mesmo que tu não vejas, há alguém que te vai dizer. A informação passa muito rápido.

José – As notícias, quando dão no telejornal, por exemplo, já toda a gente sabe.

Ana – Tu já sabes pela internet, e a televisão depois vai passar.

José – Normalmente, eu sou logo informado das notícias porque utilizo na internet os *Feeds RSS* e a notícia aparece. Uma pessoa fica logo informada. Vou ver as notícias para quê? Só se for para ver mais detalhes.

Manel – Eu faço *zapping* quando passa a publicidade.

Acham que a publicidade influencia ou não o consumo das pessoas?

Ana – Não, a mim não influencia.

(...)

José – Depende da faixa etária.

Rosa – A faixa etária faz diferença. Não é à toa que ouvimos falar de fenómenos como o da “Violeta” (...).

António – Até eu já vi a Violeta.

Mas quem compra são os pais...

Rosa – São as crianças que pedem e que querem. A publicidade é fortíssima sobretudo na faixa dos mais novos.

Manuel - Estamos bombardeados pela publicidade.

Uma das imagens que coloquei no inquérito era esta [mostra-se a imagem da Benneton]. Fazem ideia de como é que isto foi produzido?

António – Isso é Photoshop.

Manel – Isso é uma montagem.

Mas se virem de mais de perto é difícil perceber... como é que vocês sabem que isto é uma montagem? Queriam perceber o que faz com que isso seja tão óbvio...

José – Porque estão a beijar a Merkel!

Rosa – É o facto de, desde logo, partirmos do princípio que é impossível isso acontecer.

Manuel – Não é só pela imagem. É por aquilo que pensamos que está por trás.

Rosa – Não, não é pela imagem. É um conjunto de padrões que nós temos na nossa cabeça que nos permitem destrinçar e dizer isso.

António – Mas estavam mesmo a dar um beijo?

(...)

Já tiveram alguma situação em que olharam para um produto dos media, por exemplo, um filme ou um vídeo, que achavam mesmo que era real e que só passado algum tempo é que descobriram que aquilo tinha sido manipulado?

[silêncio]

Manuel – Que eu me lembre, não. Claro que, hoje em dia, a gente vê muita publicidade e a gente sabe que há muito computador por trás, como num filme. Hoje em dia, num filme, não é real aquilo que está a acontecer. Passados 20 anos, começamos a ver coisas que agora passam a ser reais.

(...)

Mas como é que as pessoas sabem?

António – Vemos na internet.

Rosa – A chave aqui é o acesso à informação que nós temos, que nos permite debruçar entre o que era real e o que é falso. Provavelmente, para os nossos avós era-lhes «igual ao litro» esse tipo de conceitos [apontando para a imagem].

Manuel – [dá o exemplo de um *making-off* de um vídeo]

No fundo, os próprios media ensinam sobre os media, é isso?

Manuel – Sim.

José – Há muita informação que pode ser manipulada e não dá por nada.

Manuel – Nadinha.

Pela vossa conversa eu consigo perceber que vocês compreendem mais ou menos como é que as coisas são feitas, não é? Mas para compreenderem isso têm de obter informação em algum lado. Para as crianças é a escola, a família e os amigos... mas e para os adultos que já não andam na escola? Qual é a importância dos media nesse tipo de informação? Vão buscar informação a outro lado sem ser nos media?

Rosa – Vamos maioritariamente aos media, obviamente, é através daí que conseguimos obter informação, até porque a maior parte de nós deixa efetivamente de estudar. Portanto, ou pelos media, ou pelo nosso dia-a-dia e pelo contacto que vamos estabelecendo com as pessoas que nos rodeiam, uns mais cultos ou outros menos cultos, vamos obtendo um conjunto de informação que depois contribui para estas crianças, que nós próprios criamos, que são verdadeiras ou não.

Ana – Depende de pessoa para pessoa e da curiosidade.

Agora, vou mudar um pouco de assunto que tem a ver com uma questão do inquérito. Três em quatro pessoas que me responderam ao inquérito disseram que se tivessem que partilhar o que quer que fosse em público seria nas redes sociais. Mas as redes sociais têm uma coisa que, por exemplo, um blogue ou um vídeo não têm, que é não exigir muita reflexividade porque basta fazer um gesto ou partilhar... Porque é que as pessoas, tendo tantas ferramentas, acabam por se focar só nas redes sociais?

José – É mais simples.

Ana – É mais fácil.

Rosa – Facilidade do acesso.

Ana – “Face-to-face”... foge-se um bocadinho disso.

Manuel – O ser humano gosta sempre, independentemente de tudo, de ver algo sobre os outros.

Rosa – É cultural.

José – Não é só isso. Posso estar em casa, sentadinho no sofá e sou um rebelde, estou contra o sistema ou apoio uma causa e basta-me fazer um *like*.

Rosa – E sem nunca se expor, que é coisa mais difícil que há.

Manuel – Não vamos comparar o povo português com o espanhol e o francês. O espanhol e o francês veem para a rua, e nós portugueses o que é que fazemos?

Rosa – Cuidado! Isso é uma questão de gerações também. Isso é uma questão de gerações porque as mais antigas eram muito reivindicativas, mas isso tem-se vindo a perder, a geração da tua mãe e do teu pai eram muito mais reivindicativas do que as nossas.

Ana – De todas as notícias que temos acesso e se falares com os amigos, há uma partilha.

Manuel – Fui de férias e a primeira pergunta das minhas filhas foi: “Tem wireless”? E eu: “Espero que não”!

Rosa – O meu filho mexe no *tablet* e no meu telemóvel como os vossos filhos, com 14 e 15 anos.

José – É tudo uma questão de gerações. Mesmo isto de sair para a rua e não se divertirem, os nossos pais já diziam a mesma coisa.

Rosa – Eu vivo numa casa e promovo que os meus filhos vão ao quintal. Eu podia ter as condições e não usá-las. O meu filho come salsa da terra. Foi educado assim e se calhar vai valorizar isso. As tuas filhas não vão conseguir valorizar uma coisa a que nunca tiveram acesso.

José – Mas a informação dos media diz que as coisas do chão fazem mal e que podem apanhar bactérias e vamos ter que “fechar as crianças numa estufa”.

Manuel – Nós não metemos os putos dentro da sala juntos dos professores, porque não podemos! Para ter a certeza que ele entrou e isso também leva os nossos filhos a terem medo de ir daqui ali.

E de onde surge esse medo? Dos media? São eles que nos fazem estar tão conscientes das coisas?

Manuel – Nós consumimos a informação dos media e indiretamente passamos a informação para eles.

António – Temos o exemplo dos Estados Unidos, em que vivem a cultura do medo. Nós não vivemos o medo a essa escala mas também estamos assim.

Rosa – Estamos constantemente sedados. São *overdoses* todos os dias só que de informação. Este é que é o problema. E, depois, obviamente que estamos todos cansados, porque não sabemos como gerir.

Acham que o país/governo deveria ter algum tipo de política para ajudar os cidadãos a lidar melhor com os media? Ou será que é mais “salve-se quem puder”?

Ana – Eles deviam era controlar os media e a informação que nos fornecem.

Controlar os media não é um bocado perigoso?

José – Eu não lhe quero chamar controlar, mas fiscalizar.

Ana – [concorda] A palavra não é a mais apropriada.

Manuel – Eu diria antes fiscalizar.

Mas então em vez da política se dirigir aos cidadãos, dirija-se aos media? Porque já existem entidades reguladoras dos media...

Ana – Sim, sim, sim...

Manuel - Esses é que deviam atuar, não é como a dos preços. Eles controlam e é: “vamos jogar todos neste valor para aumentar a competitividade”. A gente não pode responsabilizar o governo por todas as coisas!

A questão é que o Governo poder fazer coisas que podem chegar a toda a gente. Quando pergunto por uma política, não é para culpar o Governo, mas para saber se a nível nacional, a nível do país, se poderia fazer alguma coisa...

Manuel – Nas escolas!

E para os adultos?

Manuel – Eu cada vez acredito mais que tudo o que acontece no futuro começa nas escolas. Nós, os mais velhotes, o nosso tempo de vida é mais curto que o dos nossos filhos. Há que “limpar” esta geração.

São casos perdidos?

Manuel – Depende de cada um. O Estado já não tem obrigação de dizer: “Agora, vais para a escolinha outra vez!”. Podem fazer na televisão porque chega muito às pessoas, ou no Facebook ou nas ferramentas que existem para fazer alguma divulgação de alerta. Mas alguns nem querem saber. Ainda há muitos que gostam de ler os jornais, os mais velhos. Porque ainda há muita gente que gosta de ler o jornal, estar ali no café e ler o jornal.

Rosa – O meu pai lê o Jornal de Notícias há 40 anos.

Manel – Muitos já estão a ler o jornal no café no *tablet*.

Uma das coisas que notei com o inquérito é que as pessoas já leem mais online do que em papel...

Rosa – Eu só leio online, mas tenho acesso ao JN todos os dias, porque o meu pai compra.

José – Eu comprava o Expresso todas as semanas. (...) Não foi para poupar dinheiro, mas acabava por não ter tempo para ver aquilo tudo.

Ana – Isso é zonal. Nas férias conseguimos fazer isso, quando não conseguimos fazer no resto do ano.

Rosa – Quase que poderíamos fazer um paralelismo com a empresa. Quantas e quantas vezes nós não temos excesso de informação da empresa? A quantidade de *emails* a falar de campanhas e as pessoas disseram que nem viram. Isto acontece bastantes vezes. Se calhar, não precisamos desta informação toda. Precisamos de saber quando é que queremos o quê e de nos orientar estrategicamente onde é que queremos chegar.

Ana – A verdade é que toda a gente pensa: “eu desenrasco-me”. (...)

Manuel – É importante organizar a informação.

Ana – Mesmo com todas as ferramentas que existem as pessoas não sabem onde está a informação.

José – O grande problema é a falta de filtragem para encontrar a informação. As pessoas têm de filtrar e organizar a informação. Por exemplo, com o Facebook é o que eu faço. Tenho subscrito montes de páginas de notícias, música, arte, seja o que for, e tenho ali tudo organizado. O que é notícias está nas notícias. Com este facilitismo, as pessoas deixam de saber usar a cabeça. [Muitos concordam] As pessoas não pensam. A cultura do medo é também porque as pessoas não querem pensar.

Tenho só mais uma questão, que tem novamente a ver com o inquérito. A maior parte das pessoas não participa em movimentos ou associações. Há pessoas que participam, sobretudo, em ações de solidariedade pontuais, na igreja... mas a maior parte não participa. Vocês participam?

Ana – Sim, por exemplo, nas Marchas de Santo António, na Associação da Sé, que foram reativadas. É muito bonito... jogos tradicionais... e as pessoas nem sabem pegar num peão, numa corda, num carrinho de rolamentos.

É pelo gosto pessoal?

Ana – Também e para passar à minha filha. Mas gosto mesmo de participar, é bonito. Adoro fazê-lo.

Manuel – Eu não participo. Particpei, no ano passado, na ação de solidariedade para dar alimentação aos miúdos e se me perguntarem se me senti bem, senti-me bem. Realmente dá uma satisfação.

Ana – E participas nas corridas de BTT...

Manuel – Mas estamos a falar de questões sociais.

Ana – Mas também é... as pessoas juntam-se para um objetivo.

Manuel – Está bem... mas estou a pensar nos mais carenciados. Quando penso nisso, tenho pena de não ser capaz, por comodismo, talvez, de não me ligar a uma associação qualquer e saber que todos os sábados vou duas horas ajudar a associação “x” a fazer o que for. Se calhar por comodismo não faço isso.

Ana – Tem de ser por ti.

Manuel – Tem de ser por mim, mas há um conjunto de várias outras coisas que acabam por nos influenciar.

Ana – A empresa tem um papel muito importante nisso, para nos alertar.

Manuel – Mas vamos ser realistas a empresa faz isso... que é muito importante, sem dúvida...

Ana – Não vamos por essa parte.

José – Tem de ser por nós.

Rosa – Não tem a ver com a vontade, tem a ver connosco e com o nosso interior. Nós sabemos que existe, que há muita coisa triste, que há muitas crianças que passam fome, mas entre saber e ter que ir lá por o dedo...

Ana – A maternidade aguça essa consciência.

Rosa – Claro, mas entre saber e “ter que ir lá pôr o dedo”, a maior parte das pessoas não quer. Ter que vir para casa com um sentimento tremendo, que nem se sabe como se gere, nem se dorme muito bem. O meu filho tem um comodismo enorme e depois chegamos ao Centro Social Padre David e percebemos que eles [os meninos] até querem ficar com os adereços que os formadores têm na cabeça, porque não têm brinquedos para brincar.

José – Acham que a participação iria ter a mesma adesão se a empresa não tivesse patrocinado e metido o nome?

Rosa – Não... O patrocínio monetário claro que é muito importante. Mas nós, por nossa vontade, não vamos, não queremos enfrentar essas situações

Ana – As coisas pequenas também contam, por exemplo, um abraço.

Rosa – Estamos a falar de uma fábrica de 2 mil pessoas, quantas se inscreveram? 3 dias antes estavam 6 pessoas inscritas. Acordem para a vida. É comodismo.

Manuel – Tenho pena de não ser como algumas pessoas, que vão todas as semanas duas horas ajudar alguém... mas não consigo.

Mas acham que estamos mais egoístas agora ou isto é uma coisa do “Homem”?

Rosa – Não sei. Sei que às 5h da tarde, se der um jogo de Portugal nós vamos embora. Não tem volta a dar.

Manuel – E se for para pintar uma porta, ninguém vai.

José – Acredito que há muitas pessoas que podem não ir porque dá trabalho, mas o que custa mais é as pessoas não irem e, se for preciso, saem daqui e vão para o ginásio “matarem-se”!

Rosa – Não é uma questão de tempo, é uma questão de interesses!

Agradecimentos e despedida.

Transcrição do grupo de foco c

Introdução e contextualização do grupo de foco, com base no respetivo guião.

Que contacto tem com os media no dia-a-dia (inclui cinema, televisão, livros, etc.)? Com que frequência? Quais os media que usa? Como costuma lidar com os media no dia-a-a dia e com quem?

Luís - Com quem? Sozinho. Televisão, Facebook, por aí.

Luísa – Jornais não?

Luís – Jornais não.

Luísa – Pois, isto é aquela coisa: vê-se muito mais televisão, porque é mais fácil o acesso às notícias. Hoje em dia cada vez menos se lê, quer seja livros, quer seja jornais... As pessoas optam pelas coisas mais imediatas, mais rápidas: internet, televisão... normalmente as coisas que são de mais fácil acesso. Ler demora mais tempo.

Maria – Eu prefiro o papel. Quando vou a uma tabacaria, compro sempre o jornal. Gosto do papel. Tirando isso, uso a internet, por uma questão de comodismo. É mais barato, mais cómodo... portanto o meu “miminho” é comprar em papel.

Luísa – Pois, como acabaste de dizer, compras quando lá vais. Não te deslocas lá especificamente para isso. Portanto, normalmente, vais buscar uma coisa que é de mais fácil acesso: a internet. Antigamente não: as pessoas não tinham tanta facilidade no acesso às notícias, portanto normalmente compravam jornais. Agora vais a um café e nem todos vendem jornais, mas têm acesso à internet, é essa a diferença.

Artur – Mas ainda continua a ser um... Eu gosto dessa imagem, talvez romântica: uma pessoa vai a um café e está lá um jornal e lê.

Luísa – Sim, mas é o que eu digo: não é tão usual agora como era antigamente. Agora é muito mais fácil chegares à internet e fazeres uma pesquisa ou ires ver as notícias, porque é imediato, do que esperares até quando fores a um café e pegares num jornal e leres.

Artur – São coisas diferentes, até porque, no caso da televisão, as notícias chegam-nos a nós, no caso dos jornais e da internet exige uma iniciativa nossa. O que acontece é que, normalmente, eu tenho acesso às notícias pela televisão e, se quiser saber mais, vou pesquisar. Eu acredito, e

sei que esse é o formato, que na televisão tem que se meter “aquela notícia em 30 segundos” e, normalmente, falha muita coisa.

Maria – E normalmente exploram muito mais as notícias mais vendíveis. Aquelas que eles acham que não vão ter tanto impacto ficam para o fim do telejornal. Aquelas que eles acham que vão criar um maior impacto são aquelas a que dão mais destaque.

Mafalda – Isso também tem a ver com guerras de audiência...

Artur – Sim e eu separo quando vejo um noticiário ou uma reportagem de fundo. São completamente diferentes. Prefiro uma reportagem de fundo do que aquelas notícias “enlatadas”. Hoje em dia, as notícias são amplificadores de terceiros. Não procuram a notícia, simplesmente usam o “ele disse isto” ou “ele disse aquilo”, porque estão na parte cómoda. É um facto que “ele disse”, mas se o que ele disse é uma asneira, já não interessa. Daí às vezes eu achar que é preciso pesquisar mais, mas hoje em dia, a minha opinião é: da mesma maneira que a internet tem notícias mais e menos sérias, o mesmo acontece com todos os outros meios. É difícil hoje em dia teres um meio que possas dizer que é isento e é credível. Há sempre... Mesmo os grandes jornais levaram para a área da opinião, ou seja, baseiam-se na opinião de terceiros, que não é um facto, é uma opinião.

Joaquim – Eu, por acaso, costumo ler jornais, no café. Quando vou buscar os meus filhos ao treino, enquanto espero, vou ao café e pego no Jornal de Notícias, que está lá sempre, por exemplo. Dou uma vista de olhos... De resto, uso a internet e vejo televisão. Quanto às notícias... não acho... não estou em desacordo, mas também não estou totalmente de acordo contigo, que dizes que é uma questão de comodidade. É uma questão de controlo. As notícias estão mais controladas que nunca, mesmo em termos de opinião. Eles não obrigam as pessoas a dizer ou não dizer uma determinada coisa, mas convidam sempre pessoas da mesma área. Se nós virmos, por exemplo na parte económica, são sempre as mesmas pessoas a dar opinião. Se quisermos mais opiniões, temos de comprar um livro. E sabemos à partida que ele é de uma dada área, os que se vê na televisão a gente não sabe muito bem, mas depois pode perceber. Eu se ler um artigo ou um livro do César das Neves ou do Francisco Louçã sei quais são as áreas deles. Muitos comentadores têm uma área política. E isto, se a gente não estiver atenta, não consegue descobrir. Às vezes num debate estão só pessoas que pertencem todas à mesma área, o que não tem interesse nenhum.

Mafalda – Desculpa...Só uma questão. Aquilo que foi questionado por ti foi em que contexto é que nós procuramos a informação. Também posso falar de mim. Eu se calhar estou num contexto mais privilegiado do que o vosso. Eu não procuro a informação, normalmente ela chega-nos através duma agência. Em que contexto? Profissional e pessoal. Profissional, porque é a minha profissão e eu tenho de saber. Pessoalmente, sou mais ligada à internet, porque é mais rápido. Não acho que seja credível, porque temos de pesquisar muito bem e ter as fontes corretas. E outros meios... o Facebook, o Twitter. Também uso o Facebook no trabalho no contexto pessoal. Durante as férias, aproveito para ler livros. Quando estou a trabalhar, não tenho oportunidade nem tempo.

Rui – O que eu menos uso são os livros, porque não tenho tempo. Tenho muitos, mas não tenho tempo para os ler. Como me chega a informação? O contexto pessoal ou profissional eu não distingo. Revistas e jornais que assino, vou lendo. Depois, é televisão. Mas o meio principal é internet. A qualquer hora, 24h/dia. No meu telemóvel, subscrevo os *feeds* de notícias dos jornais que eu quero, que são fidedignos.

Mafalda – Podem não ser, sabes disso.

Rui – Eu sei o que faço.

Mafalda – 90% das notícias que saem não estão corretas.

Rui – Eu acredito que eles escrevam asneiras, mas também o fazem nos jornais que saem em papel.

Mafalda – Na maior parte dos conteúdos que lá estão, a mensagem está deturpada.

Rui – Eu tenho cuidado nos conteúdos que subscrevo. Os conteúdos nacionais que subscrevo são da Lusa, da TSF e do Público, por exemplo. E se uma notícia sai igual nos três, ou foi a Lusa que mandou para eles e é a mesma, ou... E também subscrevo os canais internacionais. Estou constantemente a ver notícias no telemóvel. Não é tanto procurar, são elas que chegam a mim sem eu fazer nada.

Só uma questão. Estamos muito focados na questão do jornalismo, mas os meios de comunicação são também entretenimento, passatempos... Pelo que percebi, durante a semana, a maior parte de vocês não dá tanta importância ao entretenimento, é mais à informação. E ao fim de semana? E a rádio, costumam usar?

Mafalda – Não, não! Ao fim de semana eu ligo para a TVI para tentar ganhar o prémio de 5000 euros.

Rui – Eu já não me lembro da última vez que vi a TVI!

Joaquim – Eu uso a rádio.

Rui – Eu a rádio oiço desde as 8h da manhã até às 18h, quando chego a casa.

Mas para quê?

Rui – Ouvir música. Mas de hora-a-hora dá notícias.

Mafalda – Eu não oiço rádio há muito tempo.

Joaquim- Eu há alturas do ano em que uso mais o rádio do que outras. Para quê? Para ouvir notícias. Eu muitas vezes vou buscar os meus filhos ao treino e, à hora a que chego a casa, os telejornais já acabaram. Nesse aspeto, se eu ligar o rádio, sempre vou ouvindo umas notícias.

Artur – Hoje em dia as notícias acabam por ser todas originadas por motivos económicos, porque eles não podem fazer aquele jornalismo de investigação que faziam há uns anos largos.

Luísa – Mas a base da notícia está lá.

Artur – Só para terminar. Acho que hoje em dia nada se faz desinteressadamente, há sempre interesses por trás que alteram ou limitam a notícia. Sejam eles económicos, políticos... Há coisas incríveis, há dias, li que na Wikipedia tinham dito que havia um avião que tinha sido abatido sobre a Ucrânia por um míssil de fabrico soviético. E foi detetado que isto tinha sido alterado pelo governo russo.

Rui – A Wikipedia é o maior meio de desinformação da internet.

Artur – Mas a Wikipedia não é uma fonte, é um meio para se obter uma informação.

Mafalda – Sim, uma pessoa pode chegar lá e escrever o que quiser. Ontem li que a sobrinha do Fidel Castro tinha falecido e veio-se a descobrir que afinal estava viva.

Rui – Essa notícia foi um erro, não acredito que tenha sido fabricada.

Mafalda – Não, eu acho que foi fabricada.

Joaquim – Mas essas notícias militares, dos americanos, isso é uma coisa antiga. Os meios que se usam é que são diferentes.

Queria que vocês não se focassem só nas notícias. No nosso dia-a-dia os media estão por todo o lado. Imaginavam-se a viver sem os media?

Luísa – Imaginar, imaginava, mas ia ser muito diferente.

Mafalda- Sabendo o que temos hoje e depois desaparecer tudo... la ser complicado.

Artur – Sem os media não. Mas, sem voltar à questão das notícias, o que acontece é que há uma transferência das pessoas, que agora preferem ver novelas às notícias, porque estão cansadas das notícias. Há países em que é mais comum focarem-se em determinados aspetos da vida política ou das notícias e aquilo cansa. Eu quando vou de férias não quero saber das notícias.

Maria – Mas isso é uma decisão tua! Agora imagina deixares de ter os media sem poderes escolher...

Em que aspetos é que os media são importantes na vossa vida?

Luísa – Em todos os sentidos. Todas as coisas sabendo no nosso dia-a-dia, notícias ou não. Até podemos pôr em causa a veracidade, mas há sempre ali alguma coisa.

Joaquim – Basta ir para um sítio onde não tenhas acesso à internet... Ficas maluco!

Artur – Nós somos animais que queremos receber informação. E gostamos também de receber *inputs*: notícias, entretenimento, informação...

Mas porque temos esse instinto de acompanhar a atualidade?

Artur – Eu não digo que seja acompanhar a atualidade, nós queremos é saber mais do que a vista alcança.

Maria – Eu acho que é uma questão de necessidade. Nós fomos educados pela sociedade a querer conhecer as coisas.

Artur – Pela sociedade ocidental! Há sociedades que não são assim!

Maria – Na nossa sociedade uns acabam por puxar os outros.

Artur – A sociedade ocidental está sempre a tentar aumentar os limites daquilo que está a receber.

O que estimula isso?

Mafalda – São os próprios meios que o fomentam.

Rui – Somos curiosos!

Mafalda – Eu sinto isso. Eu sou do tempo que não havia TV a cores. Agora tenho acesso a uma série de ferramentas. Acho que já não tenho necessidade de procurar alguma coisa, porque essa coisa vem ter comigo, mais tarde ou mais cedo.

Joaquim – As pessoas têm necessidade de estar informadas, se não estiverem informadas sentem que estão perdidas. Às vezes lançam-se as notícias das guerras, dos problemas nas empresas, para ver como a sociedade reage. Lançam-se boatos.

Mafalda – Temos necessidade de estar informados, porque, se te “cai” um tema de conversa de um momento para o outro, tens de saber o que dizer.

Artur – Há meia dúzia de anos, não tínhamos aquela necessidade de contactar as pessoas. Não havia telemóvel. Hoje em dia, se não consegues contactar alguém ficas logo ansioso.

Hoje em dia, com as redes sociais, perde-se um bocado a novidade. Concordam?

Artur – Concordo, mas isso não me preocupa. O que me preocupa é que, hoje em dia, parece que se uma pessoa não está *online*, não está viva. Há muitas pessoas que relatam a vida toda no Facebook. É informação a mais.

Luísa – Isso é como as pessoas que veem TV: absorvem as notícias como querem e depois vão passar aquela informação consoante a sua interpretação.

Artur – Não, não! O que eu quero dizer é que é quase como no universo de Hollywood: quem não aparece nas notícias, é esquecido. Parece que isso passou para o universo pessoal de cada um. Têm necessidade de dizer “eu estou aqui, estou presente”.

Acham que as pessoas estão preparadas para lidar com as novas tecnologias nos media e para toda esta revolução?

Joaquim – Acho que isso acontece espontaneamente.

Mafalda – Aqui em Portugal, tivemos acesso a todas estas ferramentas de um dia para o outro. Então, ainda não conseguimos absorver tudo, porque foi tudo muito rápido.

Artur – Os portugueses, em termos de adesão às novas tecnologias, são muito rápidos.

Joaquim – O meu sobrinho esteve de Erasmus há 3 anos, em Itália, e era complicado comunicar com ele.

Artur – Pois, nós passamos a fronteira e queixamo-nos que não vemos multibancos. Estamos habituados a ter as tecnologias disponíveis a todo o momento.

Joaquim – questão dos multibancos também é diferente. Em Portugal é muito mais barato do que nos outros países.

Maria – Portugal é muito aberto às tecnologias. Os telemóveis, a internet, as portagens...

Se calhar isso foi estimulado por alguém...

Maria – Isso foi muito graças ao Sócrates, justiça lhe seja feita.

Artur – Concordo que ele tenha contribuído, mas essa tendência é muito anterior.

Maria – Desde os Descobrimentos! Somos um povo aberto a novas descobertas.

Joaquim – O problema foi termos passado muita “fominha” e depois termos de evoluir.

Artur – Isso é verdade. Durante a ditadura não tínhamos acesso à informação. Quando passámos a ter, as pessoas estavam ávidas de informação. A penetração destes novos meios teve um cenário favorável nessa altura.

Joaquim- Eu lembro-me de o meu pai ouvir a BBC antes do 25 de abril, o que era perigoso.

Artur – Sim, sim, isso acontecia. A razão pela qual temos o cinema legendado e não dobrado é o mesmo motivo. Em Espanha faziam o controlo à custa das dobragens, aqui era legendado porque havia poucas pessoas que sabiam ler e assim as pessoas iam ver filmes portugueses.

Joaquim – Essa questão do *boom* das tecnologias é muito importante. Nestes últimos dois anos tenho verificado o inverso. Eu estou ligado ao desporto e muitas vezes peço uma fotografia aos miúdos para se inscreverem. Digo-lhes “tiras por telemóvel e mandas”. Este ano e no anterior, isto já foi mais complicado, tenho notado um retrocesso.

(Mostra-se a imagem do Sarkozy e da Merkel) O que acham disto? Como foi construída? Não acham normal uma mulher dar um beijo num homem?

Artur e Luís – Photoshop.

E como é que sabem que foi através do Photoshop? Não é normal uma mulher dar um beijo num homem?

Mafalda – É, mas o que não é normal é a Merkel dar um beijo nesse gajo!

Artur – Uma pessoa sabe quem é e o que eles fazem, logo não acredito.

Rui – Se calhar, se fosses a África e mostrasses isso, eles acreditavam. Tu é que já tens a tua cabeça formatada e não consegues acreditar.

Sentem que é fácil distinguir realidade e ficção? Com as novas tecnologias e a perfeição com que se conseguem produzir os conteúdos (fotografia, cinema,...)

Artur – Hoje em dia, é muito complicado distinguir entre o verdadeiro e o falso.

Rui – Sou capaz de mandar para todos vocês 20 fotografias: 19 verdadeiras e uma falsa. E aposto que ninguém descobre qual é a falsa!

Joaquim- É muito complicado.

Artur – Se procurares na net qualquer coisa sobre o míssil e o avião, vais encontrar muitos vídeos e imagens do sucedido e são todas falsas.

Como é que sabemos?

Artur – Porque são todas diferentes.

Maria – Se calhar se fosse noutro sítio, noutro país, as pessoas já acreditavam.

Artur – Hoje em dia, os meios de transmissão da informação não são fiáveis.

É importante as pessoas estarem preparadas para distinguir realidade e ficção? E como se pode fomentar isso?

Luísa – Em primeiro lugar, as próprias pessoas têm de estar interessadas nisso. Não podem aceitar tudo o que veem.

Joaquim – Eu acho que as pessoas não estão preparadas nem nunca estiveram. Essa dificuldade em distinguir realidade e ficção existiu sempre, mas hoje os meios são muito mais poderosos.

Artur – Eu lembro-me muito bem que, quando era adolescente, havia aqueles mitos sobre extraterrestres. E, hoje, acho piada que o meu filho, que tem 12 anos, está com as mesmas ideias. Os problemas são os mesmos, a desinformação é a mesma. Os meios é que, como disse, são muito mais poderosos. Os nossos meios de perceção não têm capacidade de distinguir a realidade da ficção.

Um manual ajudava?

Joaquim – Não. Qual era a credibilidade do manual?

Mafalda – Nenhuma!

Joaquim – Ainda piorava, acho eu.

Artur – Só vejo uma maneira, que é a que eu uso quando pesquiso na internet: procurar várias versões e, depois, tentar encontrar um ponto comum.

Joaquim – E há outra questão! A minha “verdade” é diferente da tua!

Luísa – Claro! Cada um tem a sua interpretação! É como interpretar uma pintura ou outra obra de arte qualquer. Mas tem de haver uma base comum!

Joaquim – Também temos de estar preparados para que, às vezes, os media tiram frases fora do contexto.

Imaginem que eu sou o Todo Poderoso e posso tomar 3 medidas para ajudar os portugueses a lidar com os media. Quais seriam?

Rui – Aulas de português! Ensinar as pessoas a interpretar um texto. Vi um comentário, referente aos americanos, que se aplicava aos portugueses: se retirares os rótulos de segurança a tudo, metade das pessoas matam-se. As pessoas não sabem interpretar uma frase. Se eu pegar numa bula dum medicamento e distribuir às pessoas aqui na fábrica, a maior parte não sabe interpretar. Temos problemas gravíssimos nesta área. Hoje em dia, temos letrados que não sabem ler! Eu conheço pessoas que já acabaram o mestrado com quem não consigo ter um diálogo sobre as notícias do dia de ontem.

Joaquim – Isso acho que é outro tipo de discussão, mas não concordo nada contigo. Hoje as pessoas sabem muito mais do que antigamente. No nosso tempo, dizia-se assim: os putos que andam agora no secundário são fracos. E não era verdade, eram melhores que nós! Se virem os relatórios da OCDE, por exemplo o PISA, veem que a evolução foi grande.

Artur – Sim, nós sabemos muito mais. Mas o poder dos media hoje também é muito maior, por isso estamos mais vulneráveis. Acho que o que tem de existir é uma melhoria do nosso poder crítico. Como? Através da cultura.

Rui – As aulas que eu mais gostava no secundário eram as de História, porque me davam “bagagem”. Tinha muitas colegas que liam textos e não tiravam nada de lá.

Lúisa – Há muita gente que anda no ensino porque é obrigada...

Rui – Conheço casos de alunos com 40 e 50 anos que só andam lá por causa do subsídio.

Para resolver este problema de falta de preparação, tínhamos de apostar nas aulas de português e na literacia, fomentar a cultura e que mais?

Rui – Fomentar o espírito crítico. Vejam qual é o top das revistas e jornais mais vendidos em Portugal. Os jornais mais vendidos são os desportivos. Como queremos ter cultura quando isto acontece?

Joaquim – Eu concordo que temos um défice, mas não concordo que seja maior do que há 10 anos atrás. Acho que é menor.

Rui – O que ele está a dizer não é isso. O que está a dizer é que há 10 anos atrás o ensino obrigatório era só o ensino básico e, com o alargamento até ao secundário, vai haver muita gente que está lá sem vontade de lá estar.

Joaquim- Sim, mas esse problema vais ter sempre. Vou-te dar um exemplo: eu dou aqui formação e sinto, não só com pessoas das linhas, que a atitude as pessoas que vão às formações aqui é completamente diferente do que acontece na Alemanha.

Vamos só passar a o último ponto, que é mesmo importante. No meu inquérito, percebi que a maior parte das pessoas não participa em movimentos e associações de solidariedade social, ecológicos, etc. A maior parte não tem uma participação em assuntos públicos. Alguém aqui participa? Se não, porquê?

Mafalda – A questão que eu coloco é: se participa continuamente ou esporadicamente. Esporadicamente sim.

Rui – Esporadicamente sim.

Luísa – Eu gostava de ter mais tempo para participar, é por isso que não participo tanto como gostava.

Joaquim – Concordo totalmente.

Mafalda – No meu caso não é só falta de tempo, também é preguiça. É como reciclar: eu não reciclo, porque tenho preguiça.

Joaquim – Se tu considerares que pegar numa carrinha e levar miúdos às atividades desportivas é uma forma de participação, eu participo há muitos anos e continuamente. Desde 2005 ou 2006.

Mafalda – A maior parte das pessoas que estão aqui dizem que não participam continuamente por falta de tempo. Eu não é por causa do tempo, é mesmo por preguiça.

A sociedade está mais egoísta?

Mafalda – Não, eu acho que não.

Rui – Eu acho que sim.

Luísa – Acho que sim. Quando pedes a uma pessoa para vir para o terreno colaborar numa dessas atividades sociais, as pessoas dizem sempre que não têm tempo. Também tenho pouco tempo, mas por vezes consigo arranjar algum para fazer essas coisas. Porque quero, porque me sinto bem. Não é por *show off*, é porque gosto de ter contacto com as crianças, com as pessoas e porque quero conhecer o outro lado da história.

Há estudos que dizem que a sociedade dos media e do consumo tornam as pessoas mais egoístas, mas pode não ser isso, pode ser uma questão de falta de tempo...

Joaquim- Eu acho que, em Portugal, há falta de intervenção política no *polis*. Há falta de intervenção na cidade, no bairro. Em Portugal, as pessoas têm muito défice de participação. Eu tenho essa experiência, desde há uns anos. Há miúdos que hoje já têm 18 anos e que eu conheço desde os 12. Há pais que ajudam e participam, mas também há outros que eu nem conheço.

Luísa – Há pais que ajudam porquê? Porque, nesse tipo de situações, se não houver ninguém a ajudar, não se faz nada. Antigamente, até nos preocupávamos com o vizinho do lado. Hoje em dia, ele pode estar muito mal e não lhe deitamos a mão. Isso faz parte do nosso egoísmo pessoal. A desculpa que usamos muito é que, hoje em dia, andamos sempre a correr e não temos tempo para nada. Isso é verdade, mas, se quisermos mesmo, nós conseguimos arranjar sempre um tempinho.

Mafalda – Eu não concordo totalmente, até porque lembro-me que quando era mais nova, éramos mais solidários como nosso vizinho, é verdade. Mas eu acho é que o tipo de solidariedade que tínhamos é diferente do que temos agora. Acho que, hoje em dia, as pessoas que necessitam, necessitam muito mais do que nessa altura.

Rui – Eu acho que há 30 anos atrás os meu pais tinham muito mais tempo livre do que agora. Há 30 anos atrás o meu pai não dizia: “Oh, vou ao Porto”. Ia ao Porto só se tivesse que ir, agora quer ir ao Porto ver o jogo de futebol, pega no carro e vai. Hoje temos menos tempo, porque consumimos mais.

Artur – Mas eu queria meter os media neste assunto. Para mim eles têm uma grande culpa, por assim dizer. Antigamente a janela para o mundo eram as janelas de casa, hoje em dia é a televisão, a internet...

Luísa – Mas não deixou de haver o nosso lado humano...

Rui – Sim, mas antigamente abríamos a janela e do outro lado estava o teu vizinho.

Mafalda – Abrias a janela ao vizinho, mas não abrias aos pretinhos que passam fome em África. Essa é a diferença.

Luísa – Hoje em dia se vês um pedido nos media para ajudar outros países ou assim, vês muita gente a aderir. Se vês uma associação que está ao teu lado, ou um centro qualquer que precisa de ajuda, não monetária mas de outra natureza, já muito menos gente contribui. Porque para nós é muito mais fácil dar uma ajuda monetária do que trabalhar no terreno.

Rui – Qual foi o último sítio para onde viajaste ou que foste conhecer?

Luísa – Sei lá!... Barcelona!

Rui – Pronto, Barcelona. Chegaste lá e foste visitar o quê? Quantas coisas? Quantos monumentos? Todos os que pudeste!

Luísa – Claro, com certeza!

Rui – Ok, agora vou-te perguntar: já foste aos Clérigos? Já foste ao Mosteiro da Batalha?

Luísa – Por acaso já.

Rui – Pronto, tu já foste. Mas é verdade que muitos de nós não vamos conhecer as coisas que temos cá! Muitas vezes, chega aqui gente de fora e diz-me: “eu fui visitar...” E eu penso: “Ui, caraças! Está aqui ao lado e ainda não fui lá!”.

Joaquim – Já foste visitar o Museu de Arte Sacra da Sé?

Mafalda- Olha vou-te dizer uma coisa: é muito mais importante para os outros tu dizeres que foste, por exemplo, a Barcelona, do que dizeres que foste ali para Esposende!

Rui – Claro! Isto vem dizer aquilo que tu estavas a dizer, que é: a associação da tua terra tu não ajudas, mas os “pretinhos de África” já ajudas!

Tem mais impacto social?

Rui – Não, muito menos! Acho que tem muito menos!

Luísa – Simplesmente é mais cómodo e mais fácil.

Rui – Tu quando vais ao IRS e tens a parte de doação... Eu já doe para muitos lados e sempre para associações da minha terra, da minha localidade.

Luísa – E se te pedirem ajuda no terreno? Já não fazes.

Rui – Nós temos lá uma associação que acolhe miúdos abandonados e os acompanha desde o berço até à universidade. A minha mãe, no ano passado, reuniu-se com umas amigas e foram lá e ofereceram-lhes o traje académico. E eu faço o mesmo! Tento doar nas associações da minha terra. E se vocês fizerem o mesmo nas vossas, todas são ajudadas.

Então posso concluir que os media fazem as coisas tão globais, que nós acabamos por nos esquecer do local? É isso?

Joaquim – Sim, sim, exatamente!

Artur – Exatamente! A nossa curiosidade não nos leva a querer saber o que está do outro lado da rua, queremos é saber o que está lá longe!

Joaquim – Também é verdade...

Mafalda – Acho que procuramos o que é mais mediático.

Rui – A ideia de descobrir o que está do outro lado do mar não é de agora!

Joaquim – Eu, aqui, acho que há várias coisas: a questão dos media; falta de civismo, de cultura de participar; e também, por exemplo, os horários de trabalho. Se trabalhas até às 18h30 ou 19h30 já não podes levar os miúdos às atividades. Há vários fatores, não há uma causa única.

Rui – Eu estava a dizer que achava que era preciso fazer coisas mais locais, mas isso não tem impacto na comunicação. Uma coisa é dizeres: “houve uma festa em Braga e veio o cantor X”. Outra coisa é dizeres: “ontem no Rock in Rio atuou o cantor Y”.

Ou seja, as pessoas agem consoante o impacto que isso causa?

Luísa – Sim, o que está mais na moda, o que chama mais a atenção.

Artur – Atenção, hoje em dia, nos media, é necessário criar novidade. As coisas têm de ser chocantes, têm de criar impacto. As coisas têm de ser em grande.

Luísa – Por exemplo, tinha um parente que tinha um tomateiro e nasceu lá um tomate que pesava quase 1kg. Para ele isso é muito importante, mas para nós...

Artur – Nós, hoje em dia, temos muita informação. Antigamente, qualquer coisa que ouvíssemos causava impacto, porque só se ouvia uma novidade de longe a longe.

Agradecimento final e despedida